

Resumo do artigo

UM JORNAL VISTO POR UM ARTISTA PLÁSTICO

Uma análise do jornal da tarde, mostra que o diagramador preenche ou deixa claros os espaços das páginas, agindo como um artista plástico. Há uma preocupação de tornar mais íntima a transmissão de imagens gráficas aos leitores. O vespertino paulistano é reconhecido pelo processo rítmico de organização especial de gravuras, textos e informações. Essa diretriz resulta em prejuízo de espaços lucrativos para a empresa, enquanto que outros matutinos e vespertinos dedicam alta percentagem de suas páginas para a inserção de matéria publicitária. O jornal da tarde, para a autora, é uma "história em quadrinhos, fragmentada ou contínua, com uma responsabilidade social e subjetiva".

UM JORNAL VISTO POR UM ARTISTA PLÁSTICO

Berenice H. V. Toledo

Quando participei da I BIENAL latino-americana em S. Paulo, cuja temática estava contida em "mitos e magias", procurava-se a identidade latina em vários aspectos das chamadas "artes visuais". O jornal como obra gráfica, foi o grande ausente, na minha opinião. Considerando-o como um caráter mítico, apresenta o mais autêntico aspecto mágico de uma obra que, simultaneamente, se inova e se repete, se fragmenta e se constrói, e torna-se propriedade do homem.

O jornalista decide, opera e cria, na retangulação visual e perceptiva dos fatos e circunstâncias.

O artista plástico tem o espírito universal da forma, da cor e da linguagem, identificando a originalidade de cada cultura.

Há uma convergência de atitudes nos dois seres operados — jornalista e artista plástico — pois, as emissões contidas dentro de um "sistema", determinam um fio condutor que, sabemos, é um processo mandálico.

Considero o jornal como uma "paisagem gráfica", que se processa na policromia subjetiva do leitor.

Sua plasticidade gráfica vem acompanhada da "fala", que interioriza a leitura orgânica e conscientiza intuitivamente o homem, em seu estado de ser contemporâneo.

Os espaçamentos formais e temporais de um jornal, atingem um caráter sensorial e perceptivo de alta tensão, muito mais verdadeiro que todos os recursos técnicos e plásticos que a televisão oferece, robotizando o espectador, que, irremediavelmente, só tem o momento, aceitando-o e consumindo-o.

O jornalista organiza em seu retângulo, gestos, intenções e imagens como na obra plástica. Oportuniza também o leitor à releitura inte-

rior, ao processo seletivo e, de posse, o caminho visual de entrada, permanência e saída de uma criação.

A foto do fato, por exemplo, recebe todo um significado e significante do ato criador, com experimentações sensíveis das formas espaciais; traduzindo o pensamento subjetivo pelo pensamento lógico, apoiados e decididos nas diagramações, com seus fios, vinhetas, publicidade, humor e realidades.

Só o tempo autentica o valor de uma obra de arte: a qualidade individualiza e projeta um jornal. Ambos buscam a consciência original do homem.

Presença da arte através do tempo

Nossa percepção visual e de respostas apresenta-se registrada em toda a história, desde os círculos primordiais nas cavernas, até nas passagens marcadas por hieróglifos em pranchas egípcias e nas etapas da "via crucis", com a mesma intenção narrativa da atual história em quadrinhos. Nessa preocupação de valorizar o espaço determinado, ou melhor, para tornar mais íntima uma transmissão com o receptor, nasceram, dentro da arte, movimentos, escolas e necessidades cíclicas. Piet Mondrian, Theo van Doesburg, Malevitch, Kandinsky e Le Corbusier, assim como no Cubismo com Braque e Picasso, os artistas do Dadaísmo e muitos outros produtores de uma idéia, estão presentes em nossa contemporaneidade, por exercícios lógicos, pela intuição, pela criatividade ou pelo "fazer".

O jornal, é uma "história em quadrinhos" fragmentada ou contínua, com uma responsabilidade social e subjetiva.

Seus aspectos onomatopaicos são usados, não como um meio, mas como fim.

Dentre os recursos didático-pedagógicos e de expressão, utilizados nas escolas e universidades, cito o bem cuidado **jornal da tarde** de S. Paulo, como obra gráfica de maior atenção, que é o acesso mais direto pela sua qualidade informativa, expressiva e plástica, podendo conduzir professores e alunos num intimismo direto e real, muito mais eficaz que o imediatismo de qualquer diapositivo (este não é real, pois engana nas dimensões visuais e perceptivas do assunto).

O **jornal da tarde** não é só reconhecido pela primeira página no ato de apropriação como também estimula a seqüência tátil das páginas seguintes, pelo processo rítmico de organização espacial de imagens, textos e informação, em prejuízo de espaços lucrativos para a empresa, como acontece com a publicidade excessiva e saturada na maioria dos matutinos.

Os espaços valorizam as idéias

Seu conteúdo plástico está presente na valorização dos espaços arejados, criados nas mais diversas formas gráficas: o espaço em branco ou preto valorizando a idéia, a qualidade das fotos limpas, cortes e montagens perfeitas, a disposição lúdica das palavras e imagens, o espaço que se esgota e se expande a um outro ponto de interesse.

Nesta página (**jornal da tarde** de 06-02-82) os recursos plásticos — onde imagem, texto e composição se completam — deixam sentir, no momento final da leitura, a levitação das capitulares e a afinidade entre elas, ao fazer-se um caminho visual de cima para baixo e à direita, vendo-se as palavras: **As** vozes, **A** carta-convite, **Hermeto**, **Como**, **Tocar**.

Percebe-se a criatividade mesmo numa composição simétrica, relativa ou absoluta (cuja rigidez plástica é habilmente resolvida) proporcionando áreas de estímulos visuais de grande dinâmica gráfica, da mesma forma quando apresenta uma composição propositadamente assimétrica para valorizar manchetes inquietantes. Acredito que toda uma equipe opera, não só como tarefa, mas como trabalho objetivo e produto final de todos os dias.

ue os funcionários chineses queriam me mostrar.

Assim, naquela tarde expliquei aos meus anfitriões, que as fábricas e "parques kultu is" interessavam tão pouco a mim quanto o povo chinês, e que o que eu queria era simplesmente andar pelas ruas, entrar nas casas das pessoas, falar com elas, comer em seus restaurantes, saber como elas tralhavam e como se divertiam. Isso custou-me várias horas, enormes doses de paciência e litros de saliva. Mas eu acabei conseguindo.

Entre na China por Cantão, a província mais tropical, mais rica e mais aberta das que visitei. Segui depois, de avião, para Kiangsi, e então, por trem, para a encantadora Sutchou, para Nanquim e para Pequim. Em todos esses lugares, procurei, na medida do possível, ficar o mais perto possível do "país real", convivendo com o incrível povo chinês, nas ruas, nos mercados livres, nos seus restaurantes, nas suas casas — nascidas e nas comunas agrícolas — nos seus teatros, nos seus parques.

Viajavam comigo Tuan, o intérprete, um jovem de seus 30 anos, ex-guarda-vermelho, ex-exilado nos campos gelados da Mongólia Interior, hoje

comprar qualquer coisa — da comida ao supremo luxo que é o eletrodoméstico — é preciso ter também um "cartão" que o autorize a fazer a compra.

Para alimentação, por exemplo, cada chinês recebe, mensalmente, uma cota de cartões para cereais (basicamente arroz) que varia segundo a idade e o trabalho que ele exerce. A média é de 15 quilos por mês. Os que exercem trabalho "intelectual" recebem menos. Os que exercem trabalho braçal recebem mais.

Esses cartões para comida são como uma segunda moeda circulante: são pequenas "notas", como as notas de dinheiro, expressando vários "valores" em gramas ou em quilos. Todos os outros gêneros alimentícios obedecem ao mesmo princípio. Estes alimentos são garantidos a

"são garantidos". Para todos os outros bens, existem

Universidade Sun Yat Sen, de Cantão, considerada hoje a melhor da China, quando abordei com ele a questão liberdade e criatividade. Os chineses se conformam com a limitação da criatividade. O importante é que apenas uma flor se abra, e que apenas um partido se forme. Mas também para os brasileiros, isso não chega a ser novidade.

Manter esse tipo de discussão na China, é tão cansativo quanto no Brasil. Haverá sempre explicações tortuosas, haverá frases como "os estudantes chineses estão satisfeitos com o regime"; "aqui não há contestação"; "alguns estudantes fazem reuniões para criticar o governo, mas sempre dentro da lei"; "nos permitimos todo tipo de discussão sobre pontos de vista científicos"; etc.

Mas também há alguns pontos curiosos. Por exemplo: no país da ditadura do proletariado não existe nenhum pudor em se falar de elites. Uma das coisas que ouvi em todas as universidades que visitei na China foi que a grande preocupação da política educacional do país, hoje, é a formação de elites. "Nossa política é elevar o nível da educação, formar elites, e não generalizá-las. Somos um país pobre, não podemos dar-nos esse luxo. Para o restante da população, há os cursos profissionalizantes, os cursos nas fábricas e comunas, ou pela televisão."

(É como a maré: destruir as elites, fazer a revolução, e, tomado o poder, formar elites novamente para garanti-lo...)

Para entrar em uma das universidades chinesas, hoje, há um "rígido vestibular". O processo de seleção começa nas escolas secundárias. Do total de alunos que se formam no curso secundário, cerca de metade é escolhida pela direção dessas próprias escolas, para prestar o vestibular unificado em todo o país. Desse total, uma minoria será

qualificada para entrar nas universidades, e um órgão especial do ministério da educação indicará que alunos irão para que universidades: os melhores (em ciência ou em política) para as mais conceituadas, e assim por diante. Esses alunos viajarão então de sua terra natal para o local onde vão estudar, e a

não ser que as duas coisas dissenciam ficarão morando dentro do próprio campus.

Um dos detalhes que chocam os ocidentais "as pessoas que não tiverem boa saúde, serão eliminadas": "Se um médico atestar que um candidato não terá saúde suficiente para cursar quatro anos na universidade, disse-me um dos reitores — "este aluno será eliminado da lista de candidatos. Se ele ficar doente no meio do curso e não se recuperar a tempo de passar de ano, também será eliminado."

A instituição do mercado livre foi um verdadeiro achado para o governo chinês. Com ela, de uma só vez, praticamente conseguiu-se dobrar a renda nacional e amenizar o problema do desemprego.

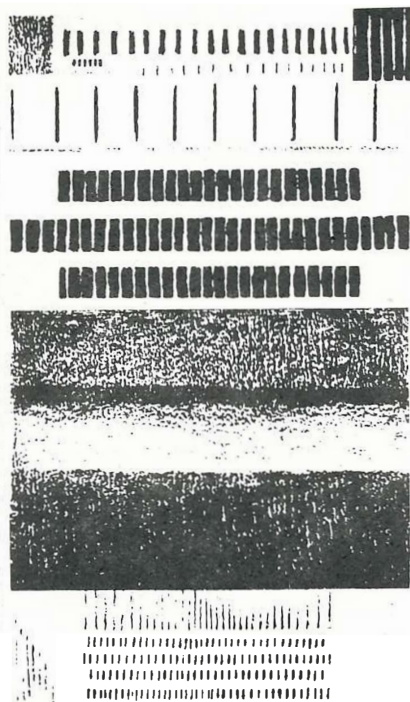
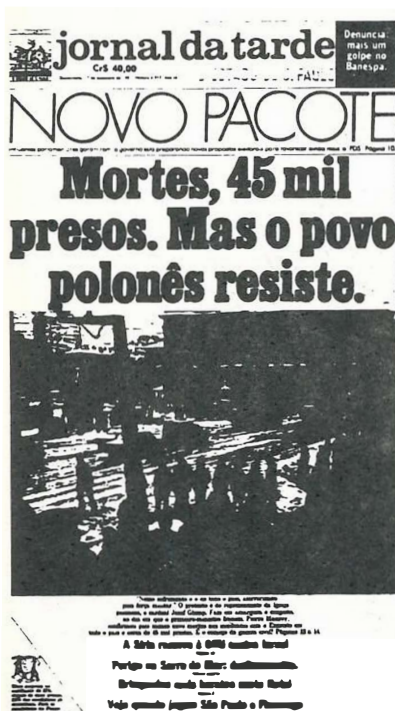


Linguagem tonal gráfica

O peso cromático define a paginação de um jornal no momento em que a tinta gráfica se distribui, somando ou diminuindo as intensidades tonais. Esse resultado flui à retina do receptor, sensibilizando o seu "modo de ver". As "paisagens gráficas" se perfilam na seqüência natural das páginas lidas e relidas, deixando mentalmente um cinza resultante, que conduz à retenção de uma linguagem tonal gráfica.

Pessoalmente, me identifico mais com os pretos, brancos e cinzas tradicionais de um jornal, pois os considero "aparentes". Dispensio as tentativas coloridas que na maioria das vezes foram maquilagens mal resolvidas.

Abaixo uma transferência gráfica-tonal. (1ª pág. do jornal da tarde de 17-12-1981)



O tratamento da forma e do espaço e a liberdade para diagramação da página de um jornal contemporâneo, devemos à influência do Bauhaus (1919), pois, se observarmos, inclusive as letras minúsculas que compõem o nome **jornal da tarde**, notamos que houve a eliminação da letra maiúscula, sendo o primeiro indício de um jornal ímpar (isto é, um jornal de letras minúsculas, fazendo escolas maiúsculas).